

“FINSE DAGEN” (“DIAS FINLANDESES”)

HERMAN KOCH

Vertaling: CRISTIANO ZWIESELE DO AMARAL - crisamaral@msn.com

Fragmentvertaling: bladzijden 5 t/m 23 van het origineel

Para A.

Esteja onde estiver

Finse dagen

Finse nachten

Het is vooral

dat lange wachten

A. Aalto

“Finse dagen”

(Dias finlandeses

Noites finlandesas

São sobretudo

Essa longa espera

A. Aalto

“Dias finlandeses”)

Every man alone is sincere.

By entering a second person,

hypocrisy begins.

Ralph Waldo Emerson

(Cada homem só, é sincero

Com a entrada de uma segunda pessoa,

tem início a hipocrisia.

Ralph Waldo Emerson)

Eu tinha ido à Finlândia antes de tudo para fazer algum trabalho manual. Um trabalho manual era em 1973 algo bem diferente do que o é hoje, em 2020. Meio ano antes eu tinha terminado o ensino médio. Sempre tinha experienciado o fato de terminar como quando se chega ao fim de algo que tinha durado demasiadamente. Tenho às vezes um sonho. Frequentemente se ouve falar de gente que sonha ter de prestar exames finais. Acordam suados: felizmente se encontram no próprio quarto, na própria cama; tudo bem que é no meio da noite, mas aquele exame não existe mais mesmo, eles já o passaram meia vida atrás. Quem fizer questão de saber o que esse sonho simboliza que marque uma consulta no centro psicológico da cidade em que está domiciliado ou escreva uma carta à sessão “Pergunte a...” – da revista feminina *Libelle*.

O meu próprio sonho com o exame final é substancialmente diferente. Nele eu não preciso ir à escola. Datas e horários cobrem as páginas das agendas. Toca a campainha. Na hora que se segue fazemos alemão com a senhora Van Aakerinden-Hagenau. Ainda sonhando, começo a suar frio. Volto então pedalando para casa. Uma ideia nasce em mim. Na casa para a qual volto já faz muito que não moro. Sou um escritor. Nem mesmo preciso ir à escola. E o que é mais: se eu frequentar um ano inteiro a escola praticamente não me sobra tempo para escrever. Eu me recuso, digo para com os meus botões, enquanto pedalo para a casa onde no meio tempo já não vivo mais. Amanhã eu é que não volto mais. Mando todos para aquele lugar.

Dormindo, sou presa a um sentimento de felicidade reconfortante e insondavelmente profundo. Tenho certeza de que sorrio, tanto no sonho quanto fora dele, dormindo na minha própria cama, na minha própria casa. Nunca acordo banhado em suor. Não é um sentimento de alívio. O sentimento de alívio já estava presente no sonho. Vez após vez eu me desperto com a sensação de que, como nas vezes precedentes, tomei a única decisão correta.

Há alguns anos escrevo na sessão “Pergunte a...” da *Libelle*. Queria saber o que esse sonho significava. A resposta não tardou nem duas semanas para aparecer impressa, mas enxuta, na tal sessão da revista. Segundo a interpretação onírica, eu estava arrependido. Estava arrependido de não ter tomado aquela decisão antes. Por ter ficado rondando no ensino médio (e prestando o exame final), o tempo em que curtiria a minha verdadeira vida foi encurtado em três anos.

Quando vejo fotos daqueles tempos, vejo alguém que se parecia a mim só muito vagamente. Um marmanjo desajeitado, um pouco magro demais, com uma jaqueta cinza desbotada que se podia com um pouco de imaginação caracterizar de avental camponês desatado. As pernas dos jeans também tão desbotados, enfiadas em galochas negras, quase chegam quase à altura dos joelhos. Um braço apoiado como quem não quer nada numa carreta amarela de fazendeiro, um pouco mais para trás ainda se vislumbram as rodas traseiras enlameadas de um trator vermelho.

Parece a foto de um valentão, mas não o é. O marmanjo é de fato um varapau desajeitado demais. Aliás, o que é que ele fazia por lá, dava vontade de perguntar. Assim como: ele daria conta daquele trabalho?

Também em anos posteriores estas questões continuaram a me perseguir. Mesmo sem fotos, no decorrer do tempo as pessoas (os próprios membros da família, amigos) passaram sempre a sorrir à socapa cada vez que eu me referia ao meu período finlandês. Em geral, logo após umas curtas frases soltas (“Foi no inverno de 1973, os termômetros marcavam $-27\text{ }^{\circ}\text{C}$ às 10:00 da noite”. “Eu ia sempre até lá para trabalhar com as mãos”. “Com a tal motosserra, certa vez quase serrei a minha perna inferior.”) eu ia logo mudando de assunto. Mas as vezes já era tarde demais. “Vocês têm certeza de que querem que eu conte?”, perguntava ainda. Sim, sim, vá em frente, acenavam os ouvintes com a cabeça. E lá recomeçava eu a contar pela enésima vez sobre a viagem de barco ziguezagueando os blocos de gelo do Mar Báltico, até à minha chegada ao porto congelado de Helsinki, na ciência de que as risadinhas começariam mais cedo ou mais tarde.

Sentia-me muitas vezes como aquele tio que, durante a guerra, ainda chegou a trabalhar na via ferroviária de Birmã, especialmente na altura em que ele contava, vez após vez, que durante a fuga tinha cortado com as próprias mãos a garganta de dois japoneses. Entre os meus cinco e quinze anos, provavelmente risadinhas começariam mais cedo ou mais tarde.

Sentia-me muitas vezes como aquele tio que, durante a guerra, ainda chegou a trabalhar na via ferroviária de Birmã, especialmente na altura em que ele contava, vez após vez, que durante a fuga tinha cortado com as próprias mãos a garganta de dois japoneses. Entre os meus cinco e quinze anos, provavelmente ouvi essa história umas trinta vezes e, durante todas essas vezes, eu tentava associar a cara de bunda do meu tio com a imagem

que falava à imaginação dos soldados japoneses sangrando a jorros das gargantas. Eu não tinha como ver o sorriso de incredulidade no meu próprio rosto, mas que o sentia, isso sim, e tinha de pôr a mão diante da boca para escondê-lo do meu tio tão implausível.

Vocês têm certeza de que querem mesmo ouvir esta? A minha pergunta tinha a ver não só com a cortesia, mas com toda a falta de verossimilhança da minha estada na Finlândia. Com as fotos nas quais eu é certo posava encostado numa charrete movida a tração, mas em que não dava para ver-me zunir pelos ares atrás de trator como num racha pelos caminhos congelados através nos bosques nevados da Finlândia. Esta é mesmo a palavra: *racha*. Sempre rápido demais, principalmente nas curvas. Eu estava com dezenove anos. Não muito antes haviam acontecido coisas que tinham deixado a minha vida de pernas para o ar, para não dizer que ainda lhe haviam tirado o chão em que ela se apoiava.

Eu estava com a esperança de algo, solitário como estava naquele trator no meio do bosque. Nem que fosse um acidente. Um acidente em que eu sairia gravemente ferido – se necessário, perdendo a vida.

Era um sentimento libertador, um sentimento que nunca mais voltaria a ter. Não havia perigo, ou melhor: perigo sim havia, mas tratava-se de um amigo – talvez o melhor amigo que eu tivesse em 1973.

(figura)

Flocos de neve maiores que os da estação Lieksa a cair do céu noturno eu não havia visto nunca antes, nem voltaria a ver depois. Na Holanda os flocos de neve rodopiam feitos felpos, vão descendo cuidadosamente, como paraquedistas à procura de um lugar seguro para aterrissarem: um galho, uma laje da calçada, o capô de um carro. Aí se deixam ficar um intervalo e derretam-se pacificamente, missão cumprida, a viagem até o solo levada a cabo.

Na estação de Lieksa os flocos de neve caíam com a velocidade de tijolos. Realmente eram muitos deles, tinham vindo, era-lhes indiferente, conheciam seus lugares, tinham vindo para cobrir o mundo sob uma camada inexoravelmente branca.

“Já é tarde demais”, disse o homem que me estava esperando sob o único poste de luz na plataforma, após ter-se apresentado como irmão do fazendeiro. Estava com neve sobre o gorro e a barba. “Amanhã vamos à fazenda”.

Hesitante, o trem se pôs em movimento noite enevoada adentro, mesmo sem olhar à minha volta, sabia que era o único viajante que tinha descido nessa noite na estação de Lieksa.

“Estamos a par do que aconteceu”, disse mais tarde o fazendeiro barbudo, cujo nome era Risto, diante de um café na sua pequena cozinha. “Mas agora não tem mais jeito, é tarde demais. É melhor que a gente vá dormir, e amanhã cedo eu o levo para a fazenda”.

Nos primeiros dias eu deixava cair tudo das mãos: latas de leite, baldes, ancinhos, forquilhas, vassouras e as peças soltas da máquina de ordenha elétrica com ventosas que eu devia fixar nos úberes das vacas. Não me conseguia ver a mim próprio, não era ainda como mais tarde nas fotos: eu ainda acreditava. Acreditava numa versão menos desajeitada de mim mesmo que, entre agora e a semana que vem, daria um passo para fora do meu velho corpo. Acreditava não menos na reencarnação: o meu antigo eu, equipado com duas mãos esquerdas, com capacidades motoras comprometidas, seria abandonado e, como a velha pele de uma serpente a descascar, deixado atrás de algum rochedo. Uma variante mais forte de mim mesmo assomaria, apanhando os carrinhos de mão, os ancinhos e as vassouras como se nunca tivesse feito outra coisa. Com um à-vontade natural, distribuiria, com a forquilha, o feno para as vacas; aos bezerrinhos recém-nascidos, eu lhes enfiaria a tetina do balde de leite por entre os beijos, cujo toque

lembra luvas molhadas, sem deixar que me fizessem cair o balde das mãos com um par de cabeçadinhas; indolente eu me apoiaria no para-lamas traseiro do trator, ao mesmo tempo que o estacionava no celeiro em marcha-ré. Como já disse: não conseguia ver a mim mesmo, tudo aquilo me vinha de dentro, a credibilidade teria de arranjar-se sozinha.

O Risto foi embora meia hora depois de ter me deixado na fazenda aquela primeira manhã – sem que voltasse dali a mês e meio.

Perguntei-me se o Matti e a Ritva, o fazendeiro e sua esposa que falavam unicamente finlandês, estariam a par do que tinha acontecido ou se, com um mínimo de palavras, tivessem sido informados sobre o meu *background*. Foi quando me lembrei de que, na cozinha, o Risto só havia falado usando a primeira pessoa do plural – provavelmente o Matti e a Ritva haviam dado por bem nem mesmo trazer o tal acontecimento à tona. Também, em que outro idioma eles o teriam podido fazer, pus-me a pensar de noite na cama, nas águas-furtadas sem janelas acima do galpão onde o trator, a grade, o arado e o semeador estavam estacionados.

Adentramos a floresta, onde o trator afundou na neve acima das rodas traseiras. Eu aprendi as minhas primeiras palavras finlandesas.

Palavras para "árvore em queda", para "propina da serra elétrica", para "não mais suturas". Na serraria, para onde arrastávamos as árvores com correntes por detrás do trator, via homens com três dedos, um braço terminando em um toco, homens de camisa xadrez de lenhador que, num só movimento, levantavam aquelas árvores inteiras sobre a plataforma onde a serra circular nunca parava de rodar. A plataforma se movia na direção da serra, precisava-se dominar a artimanha de recuar no ponto exato para que fosse serrada exclusivamente a madeira, e não uma perna ou até o corpo inteiro de uma pessoa. Os homens, com dentições em que se viam mais buracos que dentes, bebiam vodca ou aguardente destilados pelos próprios em garrafas de leite cujas tampas arrancavam do gargalo com os poucos dentes que ainda lhes restavam.

Sentia os seus olhares fixos no meu corpo magro; via-os dando-se cotoveladas e balançando as cabeças; expondo suas bocas banguelas num sorriso incrédulo. Quando conversavam em finlandês em alto e bom som, tinha certeza de que falavam sobre mim:

que peça imperdível seria a que queriam pregar naquele varapau, algo que ver com a serra elétrica, algo de que ele jamais voltaria a esquecer-se para o resto da vida.

Há também os amigos (meus melhores amigos, adoraria poder pensar, mas sei muito bem que neste ponto todo cuidado é pouco) que, em vez de sorrir amarelo, enfatizam tudo o que há de excêntrico na minha solitária viagem à Finlândia.

“A final de contas, você já curtiu a sua escapada aos dezenove anos”, dizem. “Algo que nenhum de nós teve a oportunidade de fazer”.

E não tiveram por quê? – pergunto a mim mesmo, mas fico calado.

“E já pôde ter sentido a solidão”, dizem os amigos. “Algo que nós achamos de uma coragem incrível”.

A fazenda se encontrava numa península afastada junto a um dos 188.000 lagos que abundam na Finlândia. Comunicação telefônica não era algo fácil: para comunicar-se com o exterior tinha de dar-se primeiro número desejado a uma telefonista. Com um pouco de sorte se ouvia então uma voz a grande distância. E duas vezes, durante os seis meses que duraria a minha estada na Finlândia, a voz da minha namorada, que havia ficado para trás em Amsterdã.

“Quanto tempo você ainda vai estar aí?”, ouvia, como se ela estivesse num banheiro ou, fosse como fosse, num ambiente com ladrilhos.

“Não sei”, respondia, de acordo com a verdade.

Novecentos quilômetros mais ao sul, parecia-me ouvir um suspiro, mas poderia também ser justamente uma revoada de flocos de neve investindo contra as janelas da casa na fazenda.

“Eu achava que após um mês você já estaria de saco cheio”, disse ela. “Você não acha que já deu?”

Não, era mais fácil a comunicação por cartas. Escrevíamos um ao outro de três em três dias. Nas cartas nós contávamos tudo, ou pelo menos, coisas difíceis de se dizerem ao telefone com uma telefonista à escuta, apesar de que ela provavelmente só entendesse finlandês.

“Ontem eu serrei uma árvore na longitudinal numa serraria bem no meio de um bosque”, arrisquei mais uma vez. “E depois bebi aguardente pura no gargalo de uma garrafa de leite. Noventa por cento de teor alcoólico”.

“O que foi que você disse? A linha está se cortando toda hora. Eu só entendi serra”.

Durante a descida acima das florestas de pinheiros, ocorreram-me de chofre, como se do nada, algumas palavras em finlandês. Palavras que deviam ter estado enterradas por quase quarenta anos em algum lugar escurecido da minha memória.

Estávamos em outubro de 2012. Pela primeira vez desde 1973, coloquei pé em solo finlandês. Aleksí Siltala, o meu editor finlandês, foi buscar-me no aeroporto.

“Hoje à noite você está liberado”, disse-me quando entramos em Helsínki. “Amanhã de manhã eu vou estar às nove no seu hotel para irmos juntos à feira do livro de Turku.”

Liberado... Soava quase como algo da época escolar – amanhã todas as classe do terceiro curso estão liberadas pelas primeiras duas horas, e eu tinha a maior dificuldade para que não ouvissem os meus sussurros de alívio. Eu estava contando com outra coisa: um almoço ou jantar com representantes da editora, um escritor regional e um jornalista que não faria perguntas diretas, mas que só na hora do café com conhaque começaria a fazer anotações ferozes.

No carro do meu editor finlandês, ainda estava ostentando o meu eu brincalhão, com verve. Causava-me menos esforço agora que eu sabia que estaria sozinho de noite – primeiro no meu quarto do hotel e depois num restaurante.

Eu tinha pouco a pouco me convencido de que uma pessoa só tem à sua disposição um número limitado de palavras por dia. Mais ou menos como o pacote de dados do seu telefone. Num dado momento começa a piscar a luzinha vermelha como sinal de que o número de palavras atribuído está por esgotar-se. E se, ainda por cima, você estiver num restaurante com funcionários de uma editora, com o escritor local já não muito falante por natureza e o jornalista pacientemente à espreita de um momento de fraqueza, acredite: você está diante de um problema.

Mais de uma vez me aconteceu de ficar sem ter o que dizer já durante a entrada; o motor se põe a sacolejar até eu parar. Faço ainda uma tentativa desesperada ao agarrar-me à atualidade: o último ataque terrorista, uma pergunta sobre o número de imigrantes no país ao qual fui convidado aquela noite, mas o meu coração já esfriou. Ainda falo, mas já não

são as minhas próprias palavras. Excertos de artigos jornalísticos e mensagens de teletexto me grudaram na língua e na parte interior das bochechas. Mastigo-os como se fossem um grande pedaço de carne dura, que eu preferia engolir, mas tenho receio de que o pedaço de carne fique irremediavelmente preso na minha traqueia. O jornalista curva-se sobre a mesa e se põe a olhar-me.

“Será que ouvi mesmo o senhor dizer que os imigrantes no seu país também constituem um problema?”, pergunta, apanhando a caneta e bloco de anotações do bolso do casaco e pondo-o ao lado do prato.

Peço licença e dirijo-me ao toalete. Permaneço lá tanto quanto o decoro o permita. Um certo tempo cronometrado no relógio, tenho de ficar ali dentro, senão alguém do grupo se levantaria a fim de me procurar. “Será que ele está se sentindo mal?”

Esborrifo-me o rosto com a água a jorrar da torneira como uma fontezinha.

Na verdade, tenho um único desejo: que me tenham esquecido. Que pudessem encerrar aquela noite sem a minha presença. Em breve eles já me terão esquecido mesmo, então por que não adiantar para hoje?

Olho para o espelho acima da fontezinha e vejo um rosto apagado. Como uma vela. Uma árvore de natal cujas grinaldas de luzes alguém apagou. Veem-se apenas os monótonos galhos verdes. Esse rosto já não acredita, menos ainda em si mesmo.

Cheguei a um ponto de ruptura. Quando eu sair daqui a pouco daqui e me juntar aos demais do grupo, deverei tomar uma decisão crucial. Não há mais conversa. Pelo menos, não sem ferramentas.

Estou no meu limite de bebida (quatro cervejas), o álcool já não está mais no meu cérebro, aninhou-se em algum lugar na profundidade do meu corpo. Neste momento ele só me deixa mais pesado e me puxa para baixo. A partir de agora, limitando-me à água, cada vez menos me escapa pela boca. Na melhor das situações já se esqueceram de mim na hora da refeição, como se eu fosse ar.

Já faz um bom tempo que deixaram de lado o inglês-de-cortesia, passando para seu idioma materno. Rirão mais abertamente, agora que não precisam preocuparem-se comigo. Muito de vez em quando alguém ainda se vira para mim e pergunta se a comida está boa, se a carne de veado em vinho tinto – uma especialidade local – não está dura demais.

Aliás, fui o único que escolhi esta especialidade local, os outros se estavam deliciando com os filés de carne, as batatas fritas, as saladas e os hambúrgueres. Neste momento eu cometeria um assassinato por um hambúrguer; a carne de veado está num pote de barro, na minha percepção, acho já ter comido no mínimo a metade, mas o fundo da vasilha parece estar ainda longe de vista. A cada garfada é como se me distanciasse ainda mais dele, um sentimento de pânico toma conta de mim, um pânico comparável ao que senti algumas vezes no alto-mar.